

O Estado de S. Paulo

17/5/1984

A defesa da Fetaesp

Duas entidades do setor rural manifestaram-se ontem em defesa dos trabalhadores canavieiros e colhedores de laranja, que se revoltaram em Guariba e Bebedouro, em protesto contra "as dificuldades de sobrevivência e o regime escravagista a que são submetidos": a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) diz que a revolta dos trabalhadores "é fato natural diante do descaso de que são vítimas — enquanto trabalhadores e enquanto cidadãos"; o Sindicato Rural de Jacarezinho (PR) ressalta que "o grave erro da revolução, numa atitude populista, foi a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural, fato gerador do bóia-fria".

A Fetaesp reclama que os trabalhadores sofrem as consequências das decisões unilaterais de usineiros e fornecedores, tanto nas tarefas quanto na respectiva remuneração: "Os próprios sindicatos dos trabalhadores rurais são ignorados" queixa-se Roberto Toshio Horiguti, presidente da Fetaesp. "A imposição das sete ruas no corte da cana e a promoção ostensiva da vinda à região canavieira dos chamados 'trabalhadores mineiros' — alojados como animais em barracões pestilentos para manter baixo o ganho dos trabalhadores paulistas nas safras — são dois exemplos desse proceder insensato."

"Inúmeras vezes, declaramos que a atividade primária é vítima da ação irresponsável e da incompetência dos muitos que sobre ela decidem" — completa Ronaldo Loures Rocha, vice-presidente do Sindicato Rural de Jacarezinho.

A Fetaesp aponta como um dos responsáveis pelo procedimento "insensato" a Federação Estadual dos Empresários Rurais (Faesp), que se tem recusado sistematicamente a qualquer entendimento nas campanhas salariais rurais desde 1975: "Enquanto cidadãos, também, os trabalhadores rurais são vítimas da omissão deliberada do Ministério do Trabalho, na garantia de seus direitos" — esclarece a Fetaesp, acrescentando: "O Ministério do Trabalho, que alega não ter dinheiro para a fiscalização do trabalho no campo — cuja legislação já tem 23 anos —, preocupa-se com medidas contrárias aos volantes, assumindo postura nitidamente patronal".

E, depois de lamentar que o bom senso dos usineiros teve de ser despertado pela violência, a Fetaesp conclui que "há 96 anos da abolição da escravatura, era de se esperar que as relações trabalhistas no campo tivessem evoluído ao ponto de haver mais respeito para com os trabalhadores rurais, a garantia de condições mínimas de sobrevivência, a garantia dos mínimos direitos de cidadãos, e maior responsabilidade do poder público quanto às suas funções primordiais, que são meramente de polícia".

O noticiário sobre a revolta dos bóias-frias continua na página 15

(Página 14)